



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Bruna Fonseca Neves

ARTE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

um estudo sobre a importância da arte no processo interdisciplinar para crianças com Transtorno do Espectro Autista

Rio de Janeiro

2022

Bruna Fonseca Neves

ARTE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

um estudo sobre a importância da arte no processo interdisciplinar para crianças com Transtorno do Espectro Autista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientador(a): profa. Dra. Helena de Castro Amaral Vieira

*Dedico esse Trabalho a todos que apoiam minhas
ambições artísticas.*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço à minha família, em especial meus pais, por me apoiarem em todo o processo dessa pesquisa e por sempre me motivarem a seguir com as artes.

Agradeço também aos meus amigos Analyce, Fernanda, Luísa, Tiago e Yasmin pelo carinho e amizade nesses anos na EPSJV/Fiocruz, além de serem uma parte importante para a conclusão desse projeto.

À minha professora e orientadora Helena Vieira, por ter aceitado participar dessa pesquisa e me ajudado na construção dela.

Também agradeço às professoras Anakeila Stauffer e Renata Gomes por aceitarem participar da banca avaliadora da pesquisa.

Por fim, agradeço principalmente à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, pelos 4 anos de conhecimento e experiências, e por ter me dado a oportunidade de ter aulas de Artes que foram tão importantes para o meu processo de criação, tanto desta pesquisa quanto pessoal.

“A pessoa que tem o hábito da arte, que se entrosa bem com a arte e é contaminada por ela não se sente isolada em lugar nenhum do mundo.”
(Ana Mae Barbosa)

RESUMO

A pesquisa tem o intuito de apresentar a arte como um meio para o processo interdisciplinar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O objetivo é identificar a importância da arte na educação inclusiva, e, desta forma, avaliar a relação desta no aprendizado de crianças com autismo na educação infantil. Apontar a relevância das técnicas artísticas para a educação inclusiva e em como podemos obter resultados significativos no aprendizado, na comunicação, desenvolvimento e até mesmo para a percepção do mundo que cerca a criança com TEA. O estudo traz o debate atualizado sobre o autismo e a educação inclusiva, tanto para uma maior conscientização sobre a inclusão dessas pessoas na sociedade e nas escolas, quanto para a discussão de diferentes métodos utilizados na educação de crianças com TEA. Por fim, é uma pesquisa de cunho qualitativo, isto é, terá a análise de documentos e revisão bibliográfica a partir de canais como Scielo e Google Acadêmico, livros, dentre outros.

Palavras-chave: Educação Inclusiva – Arte – Transtorno do Espectro Autista

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Símbolo do Autismo.....	13
Figura 2 Exemplo de “trabalhinho” visto na Educação Infantil.....	19
Figura 3 Sala de aula da Educação Infantil decorada.....	21
Figura 4 Sessão de Arteterapia.....	24
Figura 5 Crianças da Educação Infantil em aula de música.....	26
Figura 6 Aluna com TEA em uma apresentação teatral com a professora.....	28
Figura 7 Crianças com necessidades especiais na Exposição Artística de Jean-Michel Basquiat – Obras da Coleção Mugrabi.....	29
Figura 8 Crianças com necessidades especiais na Exposição Artística de Jean-Michel Basquiat – Obras da Coleção Mugrabi.....	29
Figura 9 Educação Especial.....	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Os três níveis do TEA.....	16
-------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: Transtorno do Espectro Autista.....	11
1.1 O Histórico.....	11
1.2 Sobre o TEA.....	12
1.3 Compreendendo o Autismo.....	15
CAPÍTULO 2: Arte e Educação.....	18
2.1 Arte e Educação Infantil.....	18
2.2 Arte Educação e Arteterapia.....	22
2.3 Arte no Universo Autista.....	26
CAPÍTULO 3: Educação Inclusiva.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

Não há como negar que as artes estão presentes no dia a dia de toda a sociedade, pela música, teatro, pinturas, filmes e outros meios, e que têm um papel fundamental de comunicação e expressão. Desde cedo somos apresentados a esse mundo e a porta de entrada, geralmente, ocorre no ensino fundamental, onde a Arte é muito utilizada na hora de brincar e se divertir. Partindo desse princípio, em que arte e diversão caminham juntas, pretendo iniciar uma discussão sobre a utilização das artes não apenas como um passatempo, mas uma forma de auxiliar o processo de aprendizagem e desenvolvimento de muitas crianças.

A Educação Inclusiva, portanto, é um meio considerável para pensarmos na inclusão de crianças e adolescentes portadoras de deficiência física e/ou mental na comunidade e no convívio social com outras crianças dentro de uma escola. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta, na maioria dos casos, diferenças no comportamento, na comunicação e na interação social daquele com o transtorno, tornando a criança com autismo necessitada de uma educação especial.

Dessa forma, a pesquisa pretende abordar a utilização das artes, com foco nas artes visuais, como uma maneira de inclusão social de pessoas com autismo, ou seja, mostrar como a Arte pode contribuir no processo de aprendizagem e desenvolvimento de um aluno com TEA, demonstrando, assim, a importância da relação entre a Educação Inclusiva e a Arte.

A arte é uma grande estratégia para se caminhar rumo ao desenvolvimento expressivo e representacional da criança, e, por isso mesmo, precisa ser mais valorizada dentro da escola, não somente como hora de desenhar e pintar, mas como uma disciplina curricular importante para o desenvolvimento das crianças com deficiência. (VIEIRA, 2017, p.143)

A pesquisa tem como intuito colaborar para a reflexão sobre inclusão de pessoas com autismo na sociedade e, também, apresentar, sob o ponto de vista da inclusão, porque o Ensino da Arte permite por vários meios não verbais, que outras matérias escolares possam ser consideradas no processo de ensino-aprendizagem. (MOSQUERA; TEIXEIRA, 2010, p.114).

Seu objetivo principal é identificar a importância da arte como um meio para o processo interdisciplinar e do desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil Inclusiva, seguidamente irá avaliar outros aspectos relacionados a esse objetivo, como o

ensino da arte na educação infantil, a relação da arte com crianças, neurotípicas e/ou com autismo etc. Aponto também que a pesquisa será de cunho qualitativo, ou seja, terá uma análise bibliográfica em livros, canais acadêmicos como Scielo e Google Acadêmico e sites.

No primeiro capítulo será apresentado o Transtorno do Espectro Autista, contendo um breve histórico, as características etc., ou seja, uma explicação para compreender melhor sobre o transtorno. Seguidamente, será desenvolvido um capítulo sobre a Arte e a Educação, em específico a Arte na Educação Infantil e a relação das atividades artísticas com crianças com TEA. Por fim, no último capítulo, irei esclarecer sobre a Educação Inclusiva, explicando sua origem, como funciona no nosso país e recursos que podem auxiliar na inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista na escola regular.

Considero a conscientização sobre a educação inclusiva de crianças com autismo fundamental, visto que ainda é necessário a compreensão e a discussão sobre a inclusão da pessoa autista na sociedade. A falta do debate sobre a inclusão de alunos com TEA nas escolas, a falta de capacitação de professores, o preconceito e desinformação sobre essas pessoas, são algumas das razões pelas quais considero importante a realização dessa pesquisa.

A pesquisa tem a intenção de expandir um debate acerca da utilização das artes dentro da escola, apresentando que “a arte pode ser trabalhada como um veículo prazeroso de aprendizado, e não de mera recreação” (MARTINS; OLIVEIRA, 2017, p.3), principalmente para as pessoas com deficiência, ajudando-as no processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Por fim, a minha familiarização com as artes foi uma motivação pessoal para impulsionar o estudo, uma vez que sempre tive interesse pelas artes visuais e penso em seguir carreira profissional nesta área. Além disso, a oportunidade de ter diferentes aulas de artes na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz despertou a minha vontade para pensar em uma pesquisa que abrangesse esse tema ligado ao processo educacional.

1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

1.1 O HISTÓRICO

Inicialmente, o autismo apareceu pela primeira vez no ano de 1911, através dos estudos do psiquiatra Eugen Bleuler, quando a palavra foi utilizada para se referir ao isolamento de pessoas esquizofrênicas. Mais tarde aos estudos de Bleuler, em 1943, o psiquiatra americano Leo Kanner deu mais atenção às crianças que apresentavam esse isolamento (SOARES, 2019, p.21).

Kanner estudou cerca de 11 crianças que apresentavam esse isolamento social extremo desde pequenas, e além do isolamento, elas apresentavam outras características em comum, como: apego a rotinas fixas, preferir objetos em vez de pessoas, não gostar de contato visual ou corporal e dificuldade na fala ou não falar nada; e o autor nomeou esse quadro como ‘Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo’.

Além dessas características apontadas por Leo Kanner, o autor também afirma que os pais eram grandes responsáveis pela presença do autismo em sua criança, seriam pais que não prestavam atenção ou não davam contato afetivo suficiente ao filho.

Em resumo, Suplicy (1993, p.22) conclui:

[...], (Kanner) considera autismo infantil uma psicose verdadeira e assim a chama, pois os sintomas apareciam nos primeiros 2 anos de vida e porque havia um isolamento inicial quase impenetrável. Friza dois critérios diagnósticos principais: isolamento extremo e insistência obsessiva na mesmice (todas as outras manifestações seriam secundárias à estas duas alterações básicas).

Posteriormente, em 1944, o psiquiatra austríaco Hans Asperger publicou um estudo em que analisa as mesmas características tratadas por Kanner, ainda que eles não se conhecessem. Ele observou cerca de 400 crianças e, futuramente essas singularidades ficariam conhecidas como Síndrome de Asperger. Como dito, Hans não conhecia Leo Kanner, e por conta desse fato acreditava que teria descoberto o autismo enquanto estudava e observava as crianças que atendia em seu consultório. Dessa forma, muitas de suas ideias se equiparavam às pesquisas feitas por Kanner e outras se diferenciavam.

Até então, os estudos de Kanner e Asperger eram o que se conhecia sobre o autismo e somente em 1960, outra psiquiatra chamada Lorna Wing, mãe de uma menina autista, começou a escrever e publicar textos de grande relevância pertinentes ao transtorno (SOARES, 2019, p.22). A psiquiatra abordou pela primeira vez a tríade de características: interação social, comunicação e padrões alterados de comportamento, o que hoje também é conhecido como *Tríade de Prejuízos*.

Durante esse período, o autismo era considerado ainda uma psicose infantil, sendo classificado como esquizofrenia e, a partir da década de 1970, se começa o debate para sua diferenciação da síndrome.

É apenas na década de 1980, que a Associação Psiquiátrica Americana (APA) faz mudanças na classificação do que era conhecido até então como Autismo Infantil, agora ocupando uma posição em separado do diagnóstico de esquizofrenia, mas ainda assim sendo colocado como uma psicose. Apenas posteriormente, ainda na mesma década, que o autismo será classificado como uma síndrome e não mais vista como psicose.

Atualmente, o termo utilizado é: Transtorno do Espectro Autista ou do Autismo (TEA), nova classificação do DSM-5 (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) da APA, que o inclui na subcategoria dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID).

1.2 SOBRE O TEA

Primeiramente é necessário esclarecer a utilização do termo TEA e o porquê de estar sendo empregado em todas as recentes pesquisas e nesta monografia. De acordo com o site informativo Canal Autismo (2021):

[...] o termo “Transtorno do Espectro Autista” passou a ser utilizado a partir de 2013, na nova versão do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, quando foram unidos quatro diagnósticos que apresentavam as mesmas características para determinada patologia: autismo, transtorno desintegrativo da infância, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação e síndrome de Asperger.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno neurológico que vem sendo debatido e discutido com cada vez mais frequência na sociedade, e principalmente nas áreas da educação e da medicina. Apesar de ser um assunto muito recorrente nas áreas do conhecimento na

atualidade, sendo debatidos em escolas, assembleias, cursos superiores e outros espaços, ainda não há estudos suficientes que suprem todas as questões levantadas sobre esse transtorno.

Em contrapartida, cada vez mais estudos voltados para o Autismo estão sendo realizados e já é possível fazer análises aprimoradas com os conteúdos disponíveis, e, conseqüentemente, instruir àqueles que procuram mais informações sobre o TEA. Ademais, a busca pelo assunto está cada vez mais popularizada, sendo mais procurado não apenas por docentes, mas pelas famílias que buscam compreender melhor este transtorno para auxiliar no desenvolvimento saudável da criança diagnosticada, a fim de que ela seja finalmente incluída socialmente.

Ainda extraindo informações gerais sobre o transtorno, cerca de 97% a 99% dos casos de autismo podem ter causa genética e de 1% a 3% podem estar relacionados a causas ambientais, ainda controversas, como idade paterna avançada ou uso de ácido valpróico na gravidez (JUNIOR, 2021). Há diversas hipóteses sobre o porquê de alguém nascer com TEA, e nenhuma comprova ainda as causas com exatidão. A ONU (Organização das Nações Unidas), considera, por meio da OMS (Organização Mundial da Saúde), que 1% de toda a população mundial pode ter autismo.

Figura 1 - Símbolo do Autismo



Fonte: (“Significado dos símbolos do autismo - Dicionário de Símbolos,” 2022)

O Transtorno do Espectro Autista geralmente é diagnosticado na infância, quando pais e cuidadores se deparam com características específicas que incluem a criança dentro desse espectro,

e as características são muito abrangentes, afetando os indivíduos em diferentes graus nas áreas de interação social, comunicação e comportamento (LEMOS; SALOMÃO; AGRIPINO-RAMOS, 2014, p. 118).

Ainda que as crianças diagnosticadas com autismo apresentam dificuldades na comunicação e na interação social, tendo nenhuma ou pouca vontade de estabelecer relações sociais e convívio emocional, estudos consideram que a inserção no meio escolar pode transformar de maneira positiva esses bloqueios encontrados em algumas características do autismo.

Para a criança que tem autismo (TEA) é fundamental o convívio social, dando ênfase no meio escolar. A escola regular ou até mesmo escola de educação especial pode proporcionar a estes alunos a conviver com outras crianças da mesma idade, constituindo-se num espaço de aprendizagem, sendo satisfatórios os ganhos de desenvolvimento que a criança com TEA quando incluída no ensino comum. (TEIXEIRA; GANDA, 2019, p.126)

De todo modo, o estudo sobre o TEA é complexo e muitas questões ainda são incompreensíveis. Desta forma, é preciso frisar que durante a pesquisa não será abordado o que a área da saúde contextualiza sobre o transtorno, apenas será registrado as temáticas que o Transtorno do Espectro Autista apresenta dentro dos debates da educação e do contexto familiar.

1.3 COMPREENDENDO O TEA

Contudo, o que é de fato o Transtorno do Espectro Autista? De acordo com Soares (2019), o autismo não é apenas uma criança quieta em um canto se balançando incansavelmente ou extremamente inteligente, mas sim uma gama de inquietações e questões ainda não respondidas que estão sendo reveladas e descobertas aos poucos. E, sem dúvida, é uma tarefa desafiadora para aqueles que não compartilham das mesmas características, conviver e auxiliar pessoas com autismo, principalmente para quem desconhece o transtorno.

Alguns estudos apontam que o autismo pode surgir nos primeiros meses de vida ou até aos três anos de idade, normalmente apresenta características muito abrangentes que afetam em diferentes graus nas áreas de comunicação, interação social e comportamento.

Cunha (2017) exemplifica:

Percebe-se na criança o uso insatisfatório de sinais sociais, emocionais e de comunicação, além da falta de reciprocidade afetiva. A comunicação não verbal é bastante limitada, as expressões gestuais são inexistentes, porque a criança não atribui valor simbólico a eles. Quando quer um objeto, utiliza a mão de algum adulto para apanhá-lo. Não aponta ou faz gestos que expressem pedidos. (p.24)

O autor continua instruindo pais e educadores sobre as maneiras mais comuns para identificar o autismo nas crianças, que seria: verificar se ela aponta para algum lugar ou algum objeto, se tem dificuldade de responder sinais visuais ou se não se expressa mimicamente, mesmo estimulada.

Pesquisadores apontam que muitas pessoas com autismo têm dificuldade de imaginar coisas que não sejam concretas, como por exemplo, entender uma metáfora. A grande maioria também demora a falar, falam pouco ou até mesmo não falam nada, e os que usam da linguagem oral normalmente falam repetidamente as mesmas palavras e frases que ouvem com frequência (ecolalia) (SOARES, 2019, p.23).

Diante dos fatos mencionados, pode-se discutir sobre a tríade de dificuldades, ou tríade de prejuízos como alguns chamam. Esse conjunto de características são: déficits na interação social, na comunicação e no comportamento, o que são, conseqüentemente, importantes áreas do desenvolvimento infantil.

Exemplificando a tríade de dificuldades, as crianças com autismo podem apresentar problemas para socializar com outras pessoas, não olhar nos olhos, não brincar com outras crianças e assim não fazer amizades. Soares (2019) cita que pela pouca aproximação com as pessoas, as crianças têm uma dificuldade acentuada de imaginar, portanto, isso afeta na aprendizagem, entendendo que a imaginação para as crianças é muito importante para o aprendizado.

Outra questão é o comportamento particular, por conta da dificuldade de imaginar, as pessoas autistas são apegadas a uma rotina fixa, por isso alguns comportamentos obsessivos e regrados. Em pessoas com o nível mais severo de autismo, podem ter reações de repulsa, afastamento, ao entrar em contato com pessoas desconhecidas, já que dentro das características ligadas ao transtorno, lidar com mudanças no hábito pode ser um incômodo.

Entretanto, é importante ressaltar que cada indivíduo com o transtorno do espectro autista tem características peculiares que vão ao encontro das descritas pelo transtorno, porém podem se manifestar em cada pessoa de maneira diferente (CAPELLINI; COSTA; ZANATA, 2018, p.304).

De acordo com o grau de comprometimento, o autismo é classificado em três níveis diferentes, do mais leve ao mais severo. No nível mais grave, a pessoa com o espectro apresenta mais déficits em relação ao comportamento, linguagem e socialização, enquanto o nível mais leve possui menos dificuldades nessas áreas. Desse modo, também é evidente que há diferenças na necessidade de suporte que a pessoa autista necessita de acordo com a severidade do transtorno.

Cunha (2017) apresenta tópicos diferenciando os três graus de autismo, esclarecendo e ajudando cuidadores e educadores a entenderem mais o espectro e ainda auxiliando na observação dos traços daquelas crianças com suspeita do transtorno.

Tabela 1 - Os três níveis do TEA

LEVE	O autista com grau considerado leve é o que menos possui as características da tríade, por isso necessitam de pouco suporte. Eles fazem uso da linguagem de forma peculiar (ecolalia), no entanto se fazem entender. Gostam de rotina e organização. Possuem comportamentos repetitivos e restritos.
MODERADO	O autista com grau moderado necessita de suporte, no entanto menos do que no grau severo. É notável a dificuldade de comunicação, contudo consegue se comunicar. Se irritam com facilidade e gostam de rotina. Eles têm normalmente as mesmas características dos de grau severo, porém com menor intensidade e com menos prejuízo na comunicação.
SEVERO	O autista com grau severo necessita de muito suporte. Apresentam grave dificuldade na comunicação, isso reflete na interação social, tendo um comportamento pouco flexível, estando bastante preso à rotinas, são muitíssimos estressados e presos à rotinas.

Fonte:(CUNHA, 2017)

É preciso ressaltar que os graus de autismo não são regras, ou seja, não são todas as pessoas com autismo, de acordo com o nível diagnosticado, que irá apresentar estritamente as características abordadas na tabela.

De certo modo, o diagnóstico precoce é importante para o quanto antes se iniciar as mediações, como para o TEA não existe cura, o que pode ser feito são tratamentos com

especialistas da área que servem como apoio e estímulos aos autistas (SOARES, 2019), como a utilização de meios artísticos dentro da sala de aula com professores qualificados, por exemplo.

2 ARTE E EDUCAÇÃO

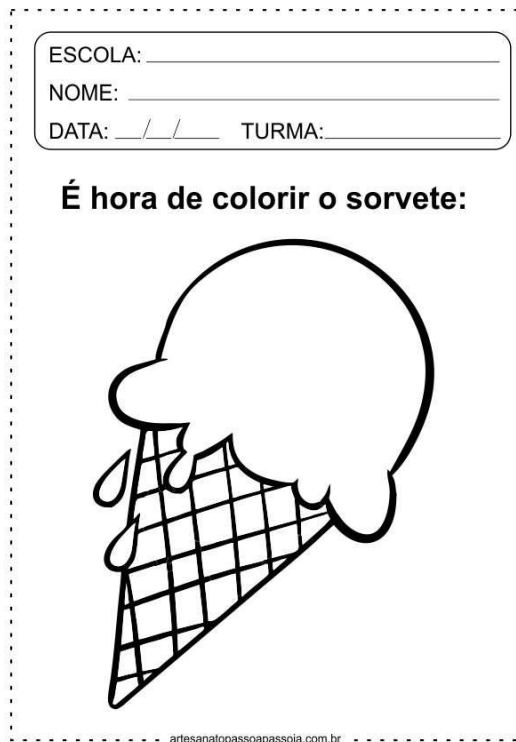
A história da humanidade é construída a partir de experiências compartilhadas no espaço e tempo em que aquele ser está presente, inclusive no âmbito familiar, tendo as mais diversas referências culturais. De acordo com o tempo histórico, o ser humano constitui significados e sentidos sobre o mundo que o cerca, seus modos de pensar e agir.

Portanto, entende-se que os seres humanos são seres sócio-históricos que interagem com a realidade em que vivem, que são afetados por tudo aquilo que o cerca, como imagens, situações, emoções e paisagens. São com esses encontros que vão significando o mundo, fazendo a leitura que os rodeia, ou seja, “quanto maior o repertório, maior a possibilidade de estabelecer diálogo com as “coisas do mundo”, com o mistério da vida. Assim é para a arte como para todos os campos da vida humana.” (OSTETTO, 2010, p. 30).

2.1 ARTE E EDUCAÇÃO INFANTIL

Na Educação Infantil, a Arte poderá ter o objetivo de ampliar esses repertórios culturais das crianças, porém é observado que há um “empobrecimento da “arte” em uma versão escolarizada” (OSTETTO, 2010), em que dentro da sala de aula há mais esforços para o produto final do que o próprio processo de criar a arte. É visto que a arte na Educação Infantil se apresenta como uma atividade específica com conteúdos programados, com atividades ensinadas em determinados momentos ou com instruções para o exercício de habilidades específicas. Porém a Arte não se resume apenas a esses momentos isolados ou “trabalhinhos” específicos.

Figura 2 – Exemplo de “trabalhinho” visto na Educação Infantil



Fonte: (FERRAZ, 2021)

Se ao entender que a Arte é ampliação de ideias e um conjunto de experiências a ser compartilhadas pelos seres humanos, não é adequado que a educação de crianças fuja dessa concepção. “A presença da arte na educação infantil será tanto mais importante, quanto puder contribuir para ampliar o olhar da criança sobre o mundo, a natureza e a cultura, diversificando e enriquecendo suas experiências sensíveis – estéticas, por isso, vitais.” (OSTETTO, 2010, p.31)

Todo ser humano vivencia o mundo pelo olhar infantil, o ser criança, sendo assim passa por todo o processo de aprender a se relacionar, a se desenvolver e a assimilar o mundo à sua volta. Sans (1994), exemplifica a formação da personalidade dos menores de acordo com as vivências que os cercam:

A sua personalidade vai se formando de acordo com o seu contato com as pessoas e sua experiência cotidiana. Os seus anseios e suas necessidades vão sendo vivenciados, seja de modo satisfatório ou frustrante, e assim percebe o mundo, encontrando uma solução para entendê-lo e para dele participar. Singularmente, sente a realidade e, assim, aguça a sua sensibilidade. (SANS, 1994, np)

É de acordo com essa multiplicidade de razões que a criança constrói sua personalidade e é considerando essa ideia que o fazer arte é tão importante na Educação Infantil, para que os menores durante o seu processo de desenvolvimento tenham acesso às experiências de forma lúdica e especial.

Sans (1994) continua explicando que “a natureza da criança é lidar com o mundo de modo lúdico, fazer o que lhe dá prazer e satisfação. Por isso gosta tanto de brincar e desenhar. [...] a perda do lúdico provoca na criança o envelhecimento precoce e a atrofia da espontaneidade” (np), em função dessas ideias que se defende o valor da experiência artística na Educação Infantil, a necessidade de lidar com o processo de fazer arte de forma espontânea e não apenas como um “trabalhinho” a ser cumprido.

Nessa perspectiva, o professor deve se colocar como um interlocutor privilegiado, dando suporte às crianças na sua criação (OSTETTO, 2010), não apenas “deixando fazer”, mas sim, sendo um mediador importante que promoverá encontros com diferentes linguagens, a circulação de novos significados e do fluxo da socialização cultural produzido pela humanidade.

Outro ponto a ser abordado, para o conhecimento do professor ou mediador das artes na Educação Infantil, são os gostos singulares e particulares de cada criança. É importante também para o desenvolvimento do pequeno, que os adultos e seus colegas respeitem seu gosto pessoal, e esse processo é uma aprendizagem necessária e um pouco difícil, já que vivemos em uma sociedade que emprega padrões e nega diferenças.

Ostetto (2010) apresenta em seu estudo que também é possível aprender a gostar, a autora comenta que mesmo seguindo a ideia do provérbio “gosto não se discute”, é compreensível que o gosto pode sim variar, de acordo com as interações que a pessoa vier a ser exposta, considerando trocas, diálogo, sensibilidade e afeto, ou seja:

Aprende-se a gostar, a ver e ouvir, assim como a combinar materiais, a inventar formas, por isso um dos papéis do professor é abrir canais para o olhar e a escuta sensíveis, disponibilizando repertórios (imagéticos, musicais, literários, cênicos, fílmicos), não apenas para a realização de uma atividade, mas, inclusive, cuidando do visual das salas e dos demais espaços da instituição. (OSTETTO 2010, p. 32)

Analisando essa perspectiva de espaços favoráveis para expandir o imaginário do aluno, os repertórios visuais são bastantes relevantes para atuar na formação do gosto. É importante ficar

atento ao direcionar os olhares a imagens e personagens já conhecidos pelas crianças, pois como dito anteriormente, a escola pode ser um grande mediador de novas experiências e sensações, desse modo direcionar o olhar da criança a algo já entendido e conhecido por ela, pode atrapalhar no seu processo de criação.

Ostetto (2010) analisa:

Importante é assinalarmos que tais imagens não ocupam apenas o espaço físico, mas também o imaginário e, como consequência, ocasionam empobrecimento das possibilidades de produção das crianças, revelado na forma como tentam transferir para seus desenhos, pinturas, construções aqueles modelos, por meio da cópia ou deixando de desenhar porque não “sabem fazer” daquela maneira, reproduzindo o modelo disponível... (p. 34)

Ressalto também que o excesso não é favorável, o que se chama de poluição visual, isto é, o estímulo visual em abundância, pode acabar escondendo o que pretende mostrar, não deixando espaços para que a criança possa inventar. Espera-se que os materiais de mediação de uma sala de aula da Educação Infantil tenham um equilíbrio expressivo, ao mesmo tempo que incentiva a criação do aluno, também dá espaço para a aprendizagem de algo novo.

Figura 3 - Sala de aula da Educação Infantil decorada



Fonte: INSTITUTO VERDESCOLA, 2018

Favorecer a criatividade da criança pelo meio externo auxilia a mesma a expandir seu repertório imagético. Vygotsky (2014) aponta em seus estudos que os traços da imaginação se fundem com experiências passadas pelo ser humano, “a primeira forma de ligação entre a imaginação e a realidade faz-se a partir das primeiras experiências do sujeito com o “outro”. É nesse espaço potencial de desenvolvimento que a imaginação tem lugar” (p. 11). Portanto, se vê necessário a implicação de atividades que exercitem a imaginação da criança, já que ela se apresenta em todos os aspectos da vida cultural, da criação artística, científica e técnica.

Da mesma forma com outras linguagens, seja a música ou a literatura: se não for disponibilizado um repertório diversificado, com constância, permitindo o contato, chamando ao encontro, à aproximação com aquela sonoridade muitas vezes estranha, àquele enredo ou imagem incomum, à primeira vista, as crianças poderão negar a recepção, a fruição daqueles materiais novos.[...] Para que a escolha se faça, é imprescindível disponibilizar acervos que, como dizíamos, ampliem as relações das crianças com o universo artístico-cultural e, com isso, ampliem suas possibilidades de criação. (OSTETTO 2010, p. 33)

Em virtude dos fatos mencionados, a importância do fazer arte na Educação Infantil ficou claro que vai além dos “trabalhinhos” a serem expostos em grandes quadros na sala de aula, mas que pode ser momentos de experimentação de sentidos e significados que irão auxiliar no desenvolvimento da criança, através de atividades que visam mais o processo artístico do que o resultado final.

Parafraseando o autor Louis Porcher (1982, p.30):

[...] não quer dizer que o único, nem mesmo o principal, mérito da educação artística consista em contribuir para a formação intelectual, no sentido estrito; mas não há dúvida de que a prática das atividades artísticas representa um fator altamente favorável para o desenvolvimento de toda a personalidade e, especialmente, dos seus aspectos intelectuais.

2.2 ARTE EDUCAÇÃO E ARTETERAPIA

No decorrer da pesquisa foram observados dois termos importantes para o processo de desenvolvimento e tratamento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), a arte educação e a arteterapia. As duas expressões se diferem em seus significados e em suas propostas, porém podem trazer o mesmo resultado, em outras palavras, a arteterapia e a arte educação podem atuar de maneira semelhante para contribuir nas dificuldades apresentadas por essas crianças com autismo que estão inseridas em um contexto escolar.

Na Educação Infantil, como dissertado anteriormente, a Arte é presente em todos os momentos, sendo utilizada nas brincadeiras, na exploração de materiais nas aulas específicas de Arte e utilizando a mesma para auxiliar em outras matérias curriculares. A Arte na escola infantil tem um papel fundamental para o desenvolvimento das crianças, e não é diferente para aquelas com necessidades educacionais especiais. Por ser um meio prazeroso e que estimula a imaginação, a Arte pode ser utilizada dentro das salas de aula infantis como um meio de inclusão, como uma ferramenta que trabalha na socialização e comunicação, esses últimos aspectos podendo ser uma dificuldade para aquelas pessoas com TEA.

A arteterapia tem o propósito de tratar e desenvolver dificuldades apresentadas por alguém, esse método artístico é muito utilizado e eficaz com pessoas com deficiências físicas, dificuldades motoras, com doenças degenerativas como o Alzheimer, doenças mentais e em casos de dificuldade de comunicação verbal e intelectual. A autora Vieira (2017) explicita em seu estudo que "a arteterapia possui a finalidade de propiciar mudanças psíquicas, assim como a expansão da consciência, a reconciliação de conflitos emocionais, o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal, no intuito de proporcionar a resolução de conflitos interiores." (p. 146)

Figura 4 - Sessão de Arteterapia



Fonte: (“Nova turma de Arteterapia da Apabb RS inicia atividades,” 2018)

Esse procedimento é bastante utilizado com pessoas com TEA, principalmente pela Arte estimular os meios de comunicação e expressão, áreas que normalmente são obstáculos para pessoas com autismo.

As atividades de arte no processo de intervenção terapêutica são utilizadas como instrumentos de diagnóstico e tratamento. A arteterapia age através da estimulação da expressão artística, do desenvolvimento da criatividade, favorecendo a expressão dos sentimentos e a reorganização interna do indivíduo (GOLDSCHMIDT *apud* VIEIRA, 2017, p. 138).

É importante frisar que a arteterapia é normalmente aplicada em clínicas de tratamento, ou se for em instituições de ensino, em escolas de ensino especial, ou seja, tem um propósito terapêutico e como um meio de ajuda psicológica e/ou psicomotora, mesmo que aplicada para o auxílio da educação. As práticas artístico-terapêuticas podem ser inseridas na educação especial com o propósito de perceber as habilidades e necessidades de cada educando, para que seja possível fazer as adaptações aos recursos e estratégias de ensino e, assim, facilitar e propiciar a aprendizagem (VIEIRA, 2017). Diante disso, percebe-se a diferença dessa técnica artística com os princípios da arte educação, que tem a finalidade de educar por meio da arte.

A arte educação, ou o ensino de arte, tem a proposta de educar os aprendentes de uma escola sobre Arte fazendo Arte. Em resumo, as práticas da arte educação têm o objetivo de ensinar sobre arte fazendo atividades artísticas que priorizam os ganhos com a experiência realizada pela atividade do que o resultado final do projeto.

A arte valoriza a organização do mundo da criança e do jovem, sua autocompreensão, assim como o relacionamento com o outro e com o seu meio. Assim contextualizamos o trabalho na vertente do lúdico e do fazer, com a ação mais significativa do que os resultados, ou seja, não se propõe atividades que não levam a nada. (...) A finalização desses trabalhos não deve ser a meta principal para a sua realização, e sim a pesquisa e o desenvolvimento do educando nas respectivas linguagens artísticas, o crescimento da sua autonomia e a capacidade inventiva. Por isso os projetos devem levar em conta os valores e sentidos do universo cultural das crianças e dos jovens, possibilitando a vivência com o repertório já existente, assim como sua ampliação e novas possibilidades de expressão. (DE LEÃO, 2006, p. 3).

Um modo de trabalhar a educação com as pessoas com deficiência, em específico as crianças com TEA, que não interfere nos métodos tradicionais, pelo contrário, auxilia as ações, é por meio da arte educação (CARDOSO; DE SOUSA; DE OLIVEIRA, 2021). O ensino de arte pode ser um meio favorável para promover a inclusão, auxiliar no processo de aprendizagem e desenvolvimento, visto que por meio das práticas artísticas realizadas com as turmas é possível aprimorar sentidos, sensações, percepções de mundo, e dificuldades em relação a comunicação e a socialização. Pela arte, as crianças podem se relacionar com o mundo físico e social e expressar afeto, mobilidade e cognição.

A aprendizagem infantil pela via da arte é mediada pelo lúdico, pela exploração da sensibilidade e da afetividade. Na Educação Infantil, o professor pode aprimorar as potencialidades perceptivas e as experiências artísticas das crianças, materializadas em ações como observar, desenhar, pintar, e dramatizar, tocar, ouvir e cantar. Nessa direção, as atividades artísticas ao enfatizar a relação tátil, visual e sonora com crianças autistas, estimulam as capacidades senso-perceptivas, melhoram a interação entre crianças e adultos e incentivam a diminuição de comportamentos estereotipados (FERNANDES, SCHLESENER, MOSQUERA & TEIXEIRA *apud* CARDOSO; DE SOUSA; DE OLIVEIRA, 2021, p. 3)

Figura 5 - Crianças da Educação Infantil em aula de música



Fonte: (“A importância da arte na educação integral,” 2021)

2.3 ARTE NO UNIVERSO AUTISTA

Educar não é uma tarefa simples, exige do professor e da comunidade escolar uma grande responsabilidade em transmitir com clareza aquilo que será ensinado dentro da sala de aula, e conclui-se que esse processo envolve pequenos obstáculos no decorrer do ensino. Por meio desse pensamento, levanta-se o questionamento: será que educar uma criança com autismo traz as mesmas dificuldades do que trabalhar com uma criança neurotípica?

Soares (2019) afirma que:

[...] conviver com autistas é desafiador, pois compreender suas necessidades específicas se torna muitas vezes uma barreira para os envolvidos neste processo. Na educação não é diferente, quando uma criança apresenta alguma dificuldade e necessidade específica, os educadores muitas vezes se veem, por diversos motivos, distanciados dela. (p. 26)

No caso do Transtorno do Espectro Autista, as dificuldades de interação podem ser uma barreira no processo de socialização com o meio escolar, e pode aumentar as dificuldades de

aprendizagem daquele aluno. Dessa forma, é preciso que o professor saiba ““construir pontes” para que o aluno possa ter acesso à inclusão e ao conhecimento.” (SOARES, 2019, p. 27)

A Arte pode ser um grande aliado do educador no processo de inclusão do aprendente com TEA, visto que, como já abordado anteriormente, as experiências artísticas podem auxiliar no desenvolvimento expressivo das pessoas, essencialmente nas crianças. As experiências artísticas com elementos diversos, seja com música, tinta ou com histórias fantásticas, podem abrir conexões entre a expressão e a percepção de mundo. As vivências com essas atividades proporcionam um aprimoramento em outras áreas importantes no processo de educação.

Tendo em vista esses aspectos, o ensino de arte pode se tornar um método favorável para auxiliar no processo de aprendizagem de outras matérias do currículo escolar de crianças com o TEA, já que a Arte tem o poder de desenvolver e despertar os sentidos, o emocional, a socialização etc. É proveitoso no âmbito educacional para pessoas com deficiência a utilização da Arte como um meio, entendendo que ela promove essa conexão entre professor e aluno, e/ou aluno e colegas de classe.

É através da disciplina de arte que a criança expressa seus sentimentos, desejos, suas fantasias e ansiedades. Assim, a arte é um importante trabalho educativo, pois estimula a inteligência e contribui para a formação da personalidade do indivíduo. (...) o ensino de arte nas escolas possibilita aos alunos com deficiência o despertar e o aprimoramento de sua criatividade, oferecendo um contato constante com a realidade e a fantasia, propiciando o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética dos mesmos. (FERNANDES, 2010. p.13)

Figura 6 - Aluna com TEA em uma apresentação teatral com a professora.



Fonte: (“O Palco se junta com Acessibilidade para educação inclusiva no Jaçanão,” 2018)

A Arte é presente na vida da criança de todo e qualquer modo, seja por meio de brincadeiras e ou por manifestações como do desenho, da pintura, da música, do teatro, da escultura, das histórias de “faz de conta”, ou seja, por meio de expressões artísticas naturais da criança, ela promove o desenvolvimento da expressão pessoal e da leitura de mundo. Estas vivências com atividades artísticas proporcionam a experiência lúdica e o desenvolvimento de outras linguagens expressivas, essenciais nesse processo de educação, (FERNANDES, 2010).

Alguns estudos apontam relações entre crianças e artistas, ao mencionar que assim como os artistas, as crianças veem tudo como novidade. Bem como conhecemos, o que chamamos de inspiração nada mais é que a alegria com a qual a criança absorve a forma e a cor, e as formas, as cores, as texturas dos materiais apresentados aos alunos com TEA, despertam essa mesma curiosidade (FERNANDES, 2010).

Figura 7 e 8 - Crianças com necessidades especiais na Exposição Artística de Jean-Michel Basquiat – Obras da Coleção Mugarbi



Fonte: (BANDEIRA, 2018)

Durante a consulta de bibliografias, tive acesso a alguns artigos e materiais que continham Estudos de Caso que utilizavam as artes visuais como um meio facilitador para a aprendizagem de crianças com autismo. Porém, é importante ressaltar que estudos que envolvem outras áreas do meio artístico ainda são difíceis de encontrar, acredito que por ser um assunto recente nas pesquisas acadêmicas.

As pesquisadoras Espanhol e Lima (2019) desenvolveram juntamente com uma escola de Educação Infantil, situada na cidade de Niterói-RJ, um projeto de artes que seria um recurso facilitador para o processo de inclusão de um aluno com autismo e simultaneamente ensinar sobre a natureza, matéria sendo estudada no momento pelos alunos da turma infantil. Elas abordam que o aluno, um menino de 5 anos e com o Transtorno do Espectro Autista, apresentava dificuldades na interação com os colegas de classe e da professora, apresentando uma tendência de se isolar de todos, com exceção da sua professora auxiliar.

Durante a pesquisa foram mencionadas experimentações feitas com o menino a fim de compreender seus gostos e limitações, como a utilização de brinquedos com diferentes materiais e de diferentes cores, “essas experimentações são de significativa relevância quando o principal usuário de um projeto não consegue expressar por palavras quais seus interesses, desejos e necessidades”, (ESPANHOL; LIMA, 2019, p. 1040). Partindo dessas observações, concluiu-se que o menino tinha preferências por cores mais frias e materiais como feltro e algodão. Dessa forma, a elaboração do projeto teve início a partir desses elementos.

O projeto consistia em completar uma árvore em uma barraca de pano colando elementos de feltro elaborados em sala que simbolizavam a vegetação da árvore.

A apresentação do recurso pedagógico para a turma ocorreu no segundo semestre de observação. Nesse momento o menino Bê já estava adaptado a sua nova rotina com o mediador que o acompanhava a semana toda e, embora estivesse frequentando por mais tempo outros locais, como a biblioteca, ainda eram poucas as atividades em que participava com a turma. (ESPANHOL; LIMA, 2019, p. 1043)

De acordo com as autoras, durante a realização da atividade, realizada durante alguns dias, a interação entre os colegas de classe foi fundamental, além da atividade desenvolver a coordenação motora fina, estimular sensações táteis e visuais com diferentes texturas e cores, estimular o lúdico, estimular a coordenação viso motora etc. (ESPANHOL; LIMA, 2019) A pesquisa aborda que no decorrer da utilização da proposta pedagógica, o menino apresentava um ótimo desenvolvimento em relação à interação social com os colegas e professora, já não fugia mais da sala de aula como antes e procurava sempre estar por perto do projeto, conseqüentemente, ficando por mais tempo em sala de aula. As pesquisadoras, por fim, comentam que “o recurso atendeu as demandas de um sujeito com autismo e despertou a curiosidade de toda a turma, pois, todos participaram de alguma forma, em ao menos um momento da ideação desse projeto” (ESPANHOL; LIMA, 2019, p. 1044)

Em conclusão, o projeto artístico realizado na escola de Educação Infantil,

atuou como um fio condutor para a mediação da interação e do conhecimento para as crianças ali presentes, incluindo Bê, não verbal e com dificuldades de socialização. Houve uma mudança de comportamento desse sujeito principal a partir da apresentação do novo recurso e da informação transmitida pelo mesmo, que remete a elementos já conhecidos

por ele, o que proporcionou o acolhimento para que ele participasse junto aos seus colegas da atividade. (ESPANHOL; LIMA. 2019, p. 1044)

O projeto pedagógico desenvolveu a interação do menino com autismo com os outros alunos da classe, retomando a concepção de que projetos artísticos são um facilitador para a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil. Durante a análise do Estudo de Caso realizado pelas pesquisadoras Espanhol e Lima, foi possível observar que por conta das atividades e materiais utilizados, envolvendo texturas e cores do agrado do menino, as dificuldades na interação e socialização foram sendo superadas, e o ambiente foi se tornando um espaço mais acolhedor para a criança. Segundo Cunha (2017), quando estamos trabalhando em ambientes acolhedores, sentimos que a nossa energia criativa e a nossa disposição para a execução das tarefas parecem ser eternas e inquebráveis. Em uma última análise, também foi concluído que o recurso auxiliou igualmente no processo de aprendizagem do menino.

Diante do exposto, fica compreensível a importância da arte como um meio para incluir crianças com o Transtorno do Espectro Autista nas escolas de Educação Infantil por meio da Educação Inclusiva, uma vez que incluir essa criança com dificuldades, com apoio e suporte a partir de projetos artísticos no meio escolar regular, juntamente com crianças atípicas, o desenvolvimento das dificuldades apresentadas por ela pode ser positivo. Figueira (2011) expressa que por meio da Inclusão Escolar cria-se um sistema de cooperação e convivência entre as crianças da sala de aula, noções de respeito entre as diferenças e, dentre outros aspectos, o desenvolvimento psicomotor dessas crianças.

3 EDUCAÇÃO ESPECIAL NO OLHAR INCLUSIVO

Educar é algo especificamente do ser humano. Somos ensinados sobre diversos assuntos e de diversas maneiras ao longo de nossa vida. O ato de educar acontece em todos os lugares, por todas as pessoas. A educação é parte integrante da sociedade e por isso se transforma com o passar dos anos em um movimento de significação e ressignificação do que já existe e das novas descobertas do ser humano, (SOARES, 2019).

Os modelos de educação podem ser classificados em educação formal e informal. As informais são aquelas aprendidas no cotidiano, por meio da socialização e de vivências, sendo um componente essencial da sociedade. A educação informal é encontrada em todos os espaços independente da classe social ou outros aspectos sociais. A educação formal é aquele modelo institucionalizado, composto por quem ensina e quem aprende, o que conhecemos como escolas.

A educação por meio de instituições de ensino, historicamente, foi muito excludente. No Brasil, por muitos anos, apenas crianças brancas e ricas tinham acesso a esse meio de educação, ou seja, crianças de classe social mais baixa só recebiam esse tipo de instrução por meio do convívio com seus familiares. Dessa forma, era quase impossível que crianças negras, indígenas e outros jovens marginalizados recebessem algum acesso a escolas e ensino de qualidade. Atualmente, foi possível mudar essa realidade segregadora através de movimentos de luta e muitas discussões acerca do assunto.

Crianças que possuíam alguma deficiência também eram afastadas do meio educacional, principalmente das escolas regulares, tanto por pais que acreditavam ser uma forma de proteção quanto por escolas que não sabiam como incluir aquele aluno com necessidades especiais em suas classes. Depois de algum tempo, as escolas em contato com outros pais, foram percebendo a necessidade de seus filhos de interagir socialmente, sendo esta interação benéfica para o desenvolvimento dos mesmos (SOARES, 2019).

Somente no início dos anos 60, com o aumento dos pais que procuravam escola para seus filhos deficientes, houve a necessidade da oferta de ensino para essas crianças e, com isso, foram sendo criadas escolas que destinavam seu ensino apenas a crianças deficientes, chamadas de escolas excepcionais, que, a princípio, existiam apenas no ensino privado. (SOARES, 2019, p. 11)

As escolas especiais tinham como proposta a normalização do sujeito de forma que pudesse se assemelhar às crianças consideradas normais, para que só assim pudessem ser introduzidas na sociedade e em escolas regulares. No contexto atual, as escolas especiais ou classes especiais são recomendadas somente em casos em que é claramente demonstrado que a criança com necessidades educacionais especiais não se adapta às escolas regulares onde são incluídas.

A partir da década de 1990, os movimentos de inclusão escolar começaram a garantir as primeiras leis para acabar com o ensino segregador que colocava as crianças deficientes em escolas especiais e não em escolas regulares com métodos que auxiliam na inclusão daquela criança na instituição de ensino. Em 1994, em Salamanca, na Espanha, houve a Conferência Mundial em Educação Especial, onde foram debatidas as ideias e concepções do que seria a Educação Inclusiva. Nessa assembleia foi criada a Declaração de Salamanca, onde a educação passou a ser pensada politicamente e legalmente “para todos” (SOARES, 2019). A partir desse momento, os países signatários ficaram responsáveis em cumprir com a declaração e, assim, promover uma educação que alcance a todos.

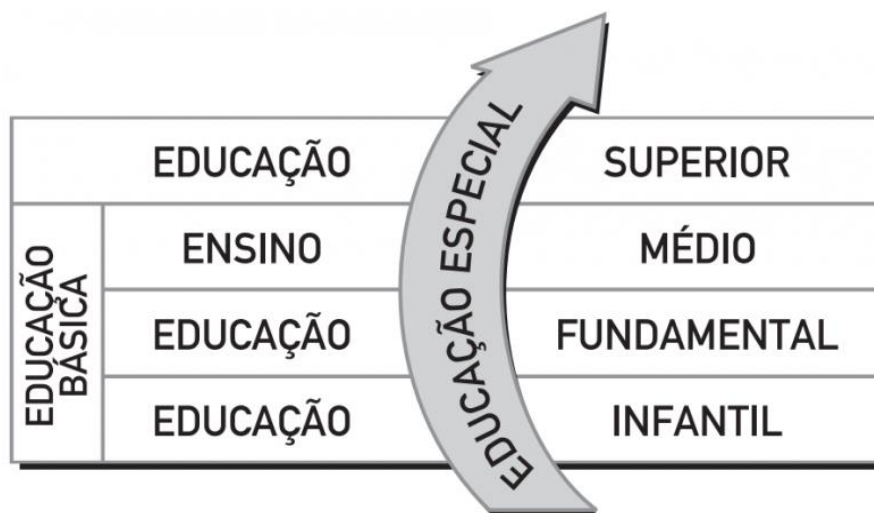
De acordo com a Declaração de Salamanca (1994):

Qualquer pessoa portadora de deficiência tem o direito de expressar seus desejos com relação à sua educação, tanto quanto estes possam ser realizados. Pais possuem o direito inerente de serem consultados sobre a forma de educação mais apropriada às necessidades, circunstâncias e aspirações de suas crianças. (...) o termo "necessidades educacionais especiais" refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem. (...) Escolas devem buscar formas de educar tais crianças bem-sucedidamente, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. Existe um consenso emergente de que crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devam ser incluídas em arranjos educacionais feitos para a maioria das crianças. (p. 3)

É preciso ressaltar que no Brasil as escolas especiais ainda existem, porém não mais somente com o intuito de substituir a escola regular. A educação especial não substitui mais o ensino comum para pessoas com deficiência e com altas habilidades. Essa mudança foi substancial, pois antes existia um sistema paralelo de ensino para o qual iam as crianças para ter uma educação substitutiva (RODRIGUES, 2017). Porém, mesmo que a criança com deficiência esteja matriculada em uma escola regular, dependendo da sua necessidade ela pode precisar frequentar também uma

escola especial para ter Atendimento Educacional Especializado (AEE), ou seja, a escola especial passa a ser um complemento e um apoio à educação regular inclusiva.

Figura 9 - Educação Especial



Fonte: (RODRIGUES, 2017)

Logo, entende-se que essas pessoas com dificuldades educacionais devem ter total acesso a instituições de ensino regular, e conseqüentemente essas escolas precisam estar preparadas para recebê-las, incluir e acolher essas pessoas, isto é ser um espaço que possa atender suas necessidades específicas de aprendizagem apropriadamente.

Esse debate envolve principalmente a educação infantil, visto que é o primeiro contato de crianças com os métodos de ensino e com a socialização com diferentes pessoas. Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2007), a inclusão escolar deve ter início na educação infantil, quando se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e seu desenvolvimento global.

A construção da escola inclusiva desde a educação infantil implica em pensar em seus espaços, tempos, profissionais, recursos pedagógicos etc. voltados para a possibilidade de acesso, permanência e desenvolvimento pleno também de alunos com deficiências, alunos esses que, em virtude de suas particularidades, apresentam necessidades educacionais que são especiais (CARNEIRO, 2012, p. 86).

A princípio, o maior desafio para os educadores da educação infantil talvez seja a prática pedagógica, embora todos os aspectos mencionados sejam fundamentais e estejam atrelados uns aos outros, a ação pedagógica direcionada e intencional contribuirá em muito para a inclusão em seu sentido pleno (CARNEIRO, 2012). Apenas o fato de a criança estar inserida dentro da sala de aula, sem fazer parte das atividades, não fazer parte da rotina da turma, ou seja, estar apenas inserida no espaço, não pode ser considerado inclusão.

As práticas pedagógicas artísticas podem ser uma ferramenta favorável para a inclusão de crianças com dificuldades em classes e escolas regulares, visto que o fazer artístico tem a possibilidade de aprimorar a sensibilidade, estimular a percepção de mundo, ser uma ferramenta de expressão, auxiliar na coordenação motora etc. O ensino da arte está íntima e fundamentalmente envolvido com os sentidos humanos. As respostas imaginativas e perceptivas implicam ouvir, tocar, sentir e degustar melhor o mundo físico, o qual é o estimulador que nos rodeia. (FIGUEIRA, 2011)

o ensino de arte na educação inclusiva é uma forma de promover a percepção, a criatividade e a cultura desses alunos, pois por conta de suas limitações eles possuem poucas oportunidades de expressarem o que sentem e possuem poucas fontes de prazer, portanto, é necessário que essas pessoas descubram valores em suas vidas, sintam-se importantes, úteis e amadas, e a arte possibilita essa igualdade e essa integração, facilitando o seu desenvolvimento. (MATIAS, 2017, p. 13)

No contexto de inclusão escolar de crianças com deficiência, pode-se observar que a Arte oferece aos alunos a capacidade de criar, experimentar novas sensações e possibilidades, de se expressar livremente e construir significados para a interpretação do seu cotidiano, ou seja, o ensino da arte inclusivo proporciona a essas crianças uma atividade prazerosa e de desenvolvimento expressivo e social. Outro aspecto que pode ser abordado, é como a Arte pode ser um meio de socialização entre os alunos de uma sala de aula, visto que dependendo da atividade artística a ser trabalhada, a interação entre os alunos é fundamental, e em um contexto de inclusão de uma criança com dificuldades educacionais essa atividade pode ser bastante vantajosa.

Matias (2017) exemplifica:

A educação utilizando a arte como ferramenta, se torna um processo dinâmico e contínuo onde deve ser utilizado para integrar e interagir de uma forma espontânea, e dinâmica na aprendizagem dos alunos da educação inclusiva. Sendo assim, lançam-se olhares diferenciados sobre a arte e vemos que através dela o aluno amplia sua sensibilidade, percepção, reflexão e a imaginação, expressando os sentimentos e desenvolvendo habilidades. (...) ensino de arte nas escolas possibilita aos alunos com deficiência o despertar e o aprimoramento de sua criatividade, oferecendo um contato constante com a realidade e a fantasia, propiciando o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética dos mesmos. (p. 13)

Portanto, é possível compreender a possibilidade da arte como uma ferramenta para os processos de desenvolvimento e aprendizagem do aluno com deficiência na escola regular. O ensino da arte se mostra como um meio surpreendente para a realização da inclusão escolar, como apresentado anteriormente, as experiências provocadas pelas atividades artísticas podem aproximar alunos com necessidades educacionais especiais das salas de aula, uma vez que podem trazer uma boa relação entre aluno e professor, desenvolver a percepção de mundo e si mesmo, auxiliar na psicomotricidade, além de ser uma ferramenta lúdica e prazerosa para as crianças.

Segundo Figueira (2011):

As atividades artísticas são fortes ferramentas de Inclusão Escolar em qualquer nível de ensino, começando pelas séries iniciais, um resgate da importância humana, criativa e expressiva desses cidadãos valorizados por meio de uma humanidade com consciência plural e social, acreditando principalmente em nossa própria capacidade de ser gente e em nossa tarefa de educadores. O processo artístico, em qualquer circunstância, oferece meios de realização no sentido de procura de experiências novas e ricas, ampliando o campo dos valores e dando um cunho mais dinâmico à existência individual. Um ensino pela arte pressupõe um nível de realização que inquire o real, desenvolve a crítica, dá intensidade e valor à consciência do ser humano, treina os sentimentos e desenvolve a empatia. (p. 21)

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Diante do exposto, é possível concluir que uma melhor formação de profissionais, mais qualificados para promover a inclusão escolar também é necessária, o que nos conduz a uma nova reflexão sobre a capacitação de lecionar as práticas da Educação Inclusiva nas escolas comuns, ou seja, para que desde a primeira etapa da educação básica possam ajudar no processo de aprendizagem de todas as crianças, sabendo respeitar e auxiliar as particularidades de cada uma.

Durante a análise bibliográfica, observei em algumas pesquisas as colaborações entre professores de uma classe regular com professores de escola especiais. Dessa forma, a troca de conhecimento entre eles, principalmente do professor especializado para o da escola regular, pode ser bastante benéfica para o educador saber como incluir aquele aluno com necessidades educacionais especiais, no caso desta pesquisa, alunos com Transtorno do Espectro Autista.

A adaptação curricular também é um dos principais pontos que observamos para pensarmos a educação inclusiva com crianças, a utilização de diferentes métodos no processo de ensino-aprendizagem auxilia àqueles com dificuldades motoras e intelectuais, além de tornar o ambiente escolar um lugar prazeroso e acolhedor. Apresentar diferentes técnicas e excluir aquelas que não beneficiam o aluno com necessidades específicas é só o começo para um novo processo interdisciplinar que deverá ser abordado.

A partir desse ponto de vista, pode-se pensar a utilização da arte como uma adaptação curricular para a inclusão de crianças com TEA, pois, como afirmado durante esta pesquisa, as atividades artísticas podem ser um auxílio para as dificuldades apresentadas por aquela criança, como por exemplo, na interação social, na comunicação e nos comportamentos restrito-repetitivos, além de desenvolver o imaginário, a sensibilidade e a percepção de mundo e de si mesmo, conseqüentemente a Arte tem a finalidade de ajudar no processo de aprendizagem, já que esses aspectos apresentados são de grande importância para o ensino.

Portanto, é possível afirmar que a pesquisa conseguiu concluir seu objetivo geral em identificar a importância da arte na educação inclusiva, como uma metodologia a ser utilizada para o processo interdisciplinar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Contudo, é preciso mencionar a necessidade de mais estudos nessas áreas, em especial para o conhecimento de toda a sociedade, incluindo o meio educacional, sobre o autismo. Menciono também que pude

aprender bastante sobre os assuntos tratados e estudados durante a pesquisa, tanto sobre o autismo quanto sobre a educação inclusiva, tal como expandiu meus conhecimentos sobre o ensino de arte.

Por fim, destaco que incluir não é apenas matricular a criança na escola, ou apenas colocá-la em uma sala de aula comum, é necessário encontrar meios para que a criança aprenda, se envolva, socialize, brinque e realmente faça parte da sala de aula regular, juntamente com as outras crianças. E na minha visão, a arte consegue fazer exatamente esse papel. O meio artístico tem a possibilidade de incluir e integrar qualquer pessoa em qualquer lugar.

Na minha perspectiva, a Arte tem o potencial de ser um ótimo meio para a inclusão, principalmente de crianças. Baseando nas minhas experiências com o ensino de arte no decorrer da minha educação, acredito que a utilização dela provoca uma sensibilização maior com você mesmo e do mundo à sua volta, trazendo experiências lúdicas que são muito importantes para a formação educacional e de personalidade, o que foi evidenciado durante a pesquisa ser algo essencial para a inclusão de crianças com deficiência.

Enfim, creio que este trabalho pode futuramente colaborar efetivamente para o campo da educação inclusiva, além de ter contribuído para a minha própria reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A importância da arte na educação integral. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/especial-publicitario/escola-integra/escola-hibrida/noticia/2021/03/02/a-importancia-da-arte-na-educacao-integral.ghtml>> . Acesso em: 16 mar. 2022.

APARECIDA, F. et al. **A educação infantil com foco na inclusão de alunos com TEA.** São Paulo: UNESP, 2018.

BANDEIRA, G. **Blog Leiturinha | A arte como forma de inclusão.** Disponível em: <<https://leiturinha.com.br/blog/a-arte-como-forma-de-inclusao/>>. Acesso em: 6 mar. 2022.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva,** 2007.

BRASIL. **DIRETRIZES OPERACIONAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL PARA O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA,** 2008.

CARDOSO, J.; DE SOUSA, N. M. F. R. R. DE; DE OLIVEIRA, F. P. Arte-Educação, Transtorno do Espectro Autista-TEA e possibilidades educativas. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. 1–9, 3 maio 2021.

CARNEIRO, R. U. C. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** São Paulo: Unesp, 2012.

CARVALHO, F. A. et al. **Rastreamento de sinais precoces de transtorno do espectro do autismo em crianças de creches de um município de São Paulo.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

DE LEÃO, R. M. **O que é Arte-Educação?** [s.l: s.n.].

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. , 1994. Acesso em: 16 mar. 2022

ESCOLA EDUCAÇÃO. **Plano de Aula de Artes - Criando Imagens Escola Educação,** 6 set. 2019. Disponível em: <<https://escolaeducacao.com.br/plano-de-aula-de-artes-criando-imagens/>> . Acesso em: 6 mar. 2022

ESPANHOL, M. L.; LIMA, R. V. **Design como recurso facilitador do processo de inclusão de crianças com autismo.** Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI: [s.n.].

FERRAZ, R. **10 Atividades de artes para educação infantil superdivertidas - Artesanato Passo a Passo!Artesanato Passo a Passo!**, 17 jun. 2021. Disponível em:

<<https://www.artesanatopassoapassoja.com.br/atividades-de-artes-para-educacao-infantil/>>.
Acesso em: 20 abr. 2022

FIGUEIRA, E. **O que é Educação Inclusiva?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

INSTITUTO VERDESCOLA. **Sala de Educação Infantil, decorada com carinho!** YouTube, 8 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=me3hwTIs8io>>. Acesso em: 8 mar. 2022

JORGE, R. P. C. et al. Diagnóstico de autismo infantil e suas repercussões nas relações familiares e educacionais. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 6, p. 5065–5077, 2019.

JUNIOR, F. P. **O que é autismo?** Disponível em: <<https://www.canalautismo.com.br/o-que-e-autismo/>> . Acesso em: 12 mar. 2022.

LEDZ WEB SOLUTIONS. **Infantil 4B Oficina de artes - Dia do Circo Escola Babinata**, 2017. Disponível em: <<https://www.escolababinata.com.br/galeria/2299/infantil-4b-oficina-de-artes-dia-do-circo/>>. Acesso em: 10 mar. 2022

Lei inclui artes visuais, dança, música e teatro no currículo da educação básica. Blog mundobrink, 4 maio 2016. Disponível em: <<https://www.mundobrink.com/blog/2016/05/lei-inclui-artes-visuais-danca-musica-e-teatro-no-curriculo-da-educacao-basica>> . Acesso em: 6 mar. 2022

LEMO, E. L. DE M. D.; SALOMÃO, N. M. R.; AGRIPINO-RAMOS, C. S. **Inclusão de Crianças Autistas: Um estudo sobre interações sociais no contexto escolar.** [s.l.] Revista Brasiliense, 2014.

MATIAS, J. F. **A arte como elemento facilitador no contexto da educação inclusiva.** João Pessoa-PB: Universidade Federal da Paraíba, 2017.

Nova turma de Arteterapia da Apabb RS inicia atividades. APABB - normal é ser feliz!, 2018. Disponível em: <<https://www.apabb.org.br/nucleos/rs/noticias/nova-turma-de-arteterapia-da-apabb-rs-inicia-atividades-7940.html>>. Acesso em: 16 mar. 2022

O Palco se junta com Acessibilidade para educação inclusiva no Jaçanão. Polo Cultural - Educação e Arte, 19 jul. 2018. Disponível em: <https://polocultural.com.br/2018/07/18/o-palco-se-junta-com-acessibilidade-para-educacao-inclusiva-no-jacana/> . Acesso em: 6 mar. 2022

OSTETTO, L. E. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. v. 3, 2010.

PORCHER, L. **Educação artística luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus Editorial, 1982.

RODRIGUES, L. **O que é Educação Inclusiva? Um Passo a Passo para a Inclusão Escolar.** Disponível em: <<https://institutoitard.com.br/o-que-e-educacao-inclusiva-um-passo-a-passo-para-a-inclusao-escolar/>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SANS, P. C. **A criança e o artista: fundamentos para o ensino das artes plásticas**. Campinas: Papyrus Editora, 1994.

Significado dos símbolos do autismo - Dicionário de Símbolos. Dicionário de Símbolos, 2022. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-autismo/>> . Acesso em: 15 mar. 2022

SOARES, D. **A CRIANÇA COM AUTISMO NA ESCOLA: POSSÍVEIS CAMINHOS PARA A INCLUSÃO**. Rondonópolis-MT: Universidade Federal de Mato Grosso, 2019.

SUPLICY, A. M. Autismo Infantil: Revisão Conceitual. **Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência**, 1993.

TEIXEIRA, M. C. S.; GANDA, D. R. INCLUSÃO E AUTISMO: relato de caso sobre o trabalho com uma criança na educação infantil. **Psicologia e Saúde e Debate**, v. 5, n. 2, 2019.

VIEIRA, C. DE C. Contribuições da Arte e do professor arteterapeuta para a Educação Inclusiva. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 13, n. 02, p. 136–153, 25 set. 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.